

Euclides da Cunha, escritor do seu tempo

ALVARO AUGUSTO CUNHA ROCHA
(Palestra proferida nos auditórios da P.R.J-2 em
11 de agosto p. passado).

Para desdobrarmos o título desta crônica, cujo mérito, talvez, seja tão somente o de ver aqui reconhecida como simples crônica, tornam-se obrigatórios a fixação dos conceitos básicos de Euclides da Cunha como escritor, e o esboço, ao menos, das influências que marcaram o seu tempo.

Já é possível, hoje, dizer-se que Euclides foi essencialmente escritor, e, além disso, que foi um escritor essencialmente do seu tempo, sem embargo, naturalmente, da perpetuidade da obra.

A propósito de Euclides como escritor, houve uma fase na história de nossas publicações literárias em que era moda escrever-se sobre cada uma das incursões de Euclides, pelos mais diversos setores de atividade intelectual, fato que, aliás, veio dar origem a muitas afirmações apressadas. Assim foi que tivemos: Euclides da Cunha, *naturalista*, de Roquette Pinto; Euclides da Cunha, *engenheiro*, de Maurício Joppert; Euclides da Cunha, *escritor político*, de Mário Casassanta; Euclides da Cunha, *criminalista* (...), de Roberto Lyra; Euclides da Cunha, *geógrafo*, de Raja Gabaglia, — e muitas outras monografias.

Na esteira de trabalhos desta natureza, o sr. Firmo Dutra, em 19 de agosto de 1938, pronunciou no Itamarati uma conferência com o título: Euclides da Cunha, geógrafo e explorador. Essa conferência foi criticada oralmente, logo em seguida ao seu pronunciamento, pelo sr. Eloi Pontes, vindo tal discussão levantar o problema inútil de que Euclides da Cunha estava sendo monopolizado por uns e outros especialistas, quando cada um deles tentava arrastar o escritor para o domínio da sua esfera pessoal. O sr. Eloi Pontes, todavia, incorreu no erro dos seus contrários quando, na sua contestação, considerou Euclides **exclusivamente** escritor, ou seja, que Euclides foi geógrafo, historiador, sociólogo ou mais que fosse, **pelo fato único** de ser escritor. Cremos, entretanto, que o problema, além de irrelevante, veio muito mal colocado, pois é evidente que, no caso, não existe relação necessária de causa e efeito. Euclides nasceu com uma vocação irresistível de escritor; manifestou-se como geólogo, historiador ou sociólogo, quando, de fato, com ser essencialmente escritor era também, para a cultura do seu tempo, — uma cultura não afeita a especializações — geólogo, historiador, sociólogo ou mais que fosse — tudo sem prejuízo, antes com reforço, de uma extraordinária personalidade de legítimo artista da palavra. Sendo escritor essencialmente do seu tempo, Euclides da Cunha foi escritor dionisiaco. Em oposição a **apolíneo**, dionisiaco será o artista que, desde os gregos e, praticamente, antes deles, — prefere, ao tranquilo tipo de beleza de Apolo, a beleza inquieta e máscula de Dionísio, deus que, entre os gregos, correspondia ao Baco dos romanos. O dionisiaco é sobretudo exaltado, comburent e cósmico, permite-se a largas visões do mundo e do tempo, e escreve emprestando à própria fessitura da obra o calor de seu estado de nervos. Assim, entre nós, Euclides e Castro Alves são tão dionisiacos quanto Machado de Assis e Olavo Bilac são apolíneos. Por outro lado, o tempo de Euclides era mesmo de dionisiacos, enquanto que a própria índole latina do brasileiro já por si parece existir em função de um acentuado gosto dionisiaco.

Creemos que Euclides tem como primordial característica o sentido heróico e transcendente de tudo sobre quanto escreveu. Daí a sua força, que, extraída da própria terra e da sua gente, é o poema em prosa da raça. Dionisiaco como escritor, como poeta teria sido um condoreiro ligado sempre às mesmas visões do homem rude na sua incessante luta contra o meio.

E já que falamos em poesia, são de todo curiosos alguns sonetos de Euclides, datados de 1883, que traêm, ao lado do entusiasmo do adolescente, a ressonância, que persistia entre nós, das idéias importadas da Revolução Francesa de 1789.

A segunda metade de século vivida por Euclides da Cunha traduz o **cientificismo** imperante em todas as rodas ilustres. Liberalismo, em política; razão e positivismo, em filosofia; Grécia, sobretudo, em arte; anticlericalismo, e ainda positivismo, em religião, — são as tendências que, como idéias chaves ou linhas mestras, foram os sinais do tempo. Impregnado disso tudo, aos 14 anos Euclides compunha os sonetos de um caderno intitulado "Ondas", no qual se encontra toda a mística do cidadão perfeitamente dono do Estado, do homem dominando a natureza pelo primado da ciência onipotente, de Deus, rei morto; ali, encontramos sonetos a Danton, Robespierre e Marat, a par do conflito entre a intelectualidade (revoltada embora não-revolucionária) dos bachareis e a burguesia, que já havia passado de classe dominada a classe dominante, instalada na livre concorrência econômica e ali conservada até as últimas consequências sociais da expansão da indústria mecanizada.

Do gosto da época, era também o "culto do adjeti-

vo", tanto mais que o Brasil dionisiaco já se projetava como um país de oradores, onde, muitas vezes, o patriotismo está menos no trabalho que nas comemorações. Do gosto de Euclides, aliado aos afazeres de uma vida realmente trabalhosa — foi o adjetivo, que, como diria Boileau, ganhou nas suas mãos uma precisão não raro comovente e uma nova riqueza de significação. O culto do adjetivo, da harmonia da frase, da sonoridade do vocábulo, — fez de Euclides um "torturado da forma". Prova isso um fato curioso que ocorreu quando da primeira edição de "Os Sertões". Publicada a obra, Euclides da Cunha, que se encontra em Lorena, vem ao Rio, a convite dos editores, para ver o livro. Abre um volume e nota com espanto que uma crase e uma vírgula estavam mal colocadas. Aquela crase e aquela vírgula... e já aqueles outros erros... feriram-no profundamente em sua sensibilidade de artista. E foi então que Euclides, apressado, seguiu a edição no prelo. Correu à tipografia de canivete e borraça na mão, e ali, diante dos operários estupefatos, começou a trabalhar gigantesca que só terminou após dias e noites de esforço incessante, com Euclides curvado sobre os grossos volumes, a raspar os erros com a pontinha do canivete... Naqueles dias e noites Euclides raspu e emendou oitenta erros em cada um dos dois mil volumes da edição, — num total de cento e sessenta mil emendas! Narram este fato, entre outros, Eloi Pontes (*Conferência no Itamarati*, em 19 de agosto de 1938) e Viriato Correia (*Entrevista com Euclides da Cunha* — "Ilustração Brasileira", n. 6, de 15 de agosto de 1909).

Como autêntico dionisiaco, Euclides da Cunha imprimiu a "Os Sertões" um sentido de epopéia até hoje não igualado, ao menos em prosa, na literatura pátria. Realizou-se também através do seu amor à terra — porque nele é mais amplo o sentido pelo qual a vida do artista é o estado de choque e a consequente sublimação do binômio "homem versus natureza". Se não enten-

demos que a arte possa resultar de outra coisa, senão desse estado de choque, que inspira ao artista um esforço de superação, devemos convir que a "natureza", constante do binômio, tem um sentido mais amplo, mais profundo, no caso de Euclides. Talvez ela — natureza contra a qual Euclides lutou — seja o terrível quotidiano de um homem fadado a enfrentar a aspereza de viagens constantes, nas quais ele jamais poderia desfrutar a tranquilidade necessária a um trabalho absorvente como o da criação literária; talvez Euclides se realizasse em oposição à falta de vida afetiva, órfão de mãe desde aos três anos de idade, e, mais tarde, marido que não encontrou na esposa a companhia desejada. Estes fatores e outros, cuja indagação seria excessiva face aos limites e objetivos desta crônica, — teriam levado Euclides a procurar abrigo psicológico no insulamento dos exílios, na fuga a uma civilização cujo estilo de vida fim-de-século era decerto um tanto chocante ao seu temperamento introvertido.

Hoje, decorridos quase cinquenta anos de sua morte, Euclides é visto, pelas novas gerações, em toda a sua estatura. Dir-se-ia um gigante vestido ao gosto da época, com toda a pompa de seus exuberantes recursos de linguagem. Pois Euclides — grande "escritor do seu tempo" — existirá enquanto existir a língua que ele tanto amou e honrou com os imprevistos movimentos de suas frases lapidares.

Hoje, traduções em língua inglesa fizeram de "Os Sertões" um **best-seller** nos Estados Unidos; hoje eu vos lembro aquele rapaz curvado sobre cada um dos dois mil volumes da primeira edição de sua obra prima. Porque Euclides, como exemplo de trabalho, é **antes de tudo um forte**. Como um forte, levantou o Brasil, através do seu livro, à admiração das Américas; e o Brasil, neste mês de agosto, que marca a tragédia em que morreu Euclides da Cunha, deve reverenciá-lo e fazer justiça a um dos seus mais ilustres filhos, procurando compreendê-lo em toda a amplitude da sua grandeza.